

A DEFESA

Órgão Informativo da Diocese de Propriá

Registrado no livro 7, folhas 121, nº 255, a 08/10/1941 Cartório do 10º Ofício de Registro de Títulos e Documentos, em Aracaju - Se.

Diretor Responsável: D. José Brandão de Castro - Redação: Av. Pedro Abreu de Lima 462 - Propriá

Tiragem: 1.000 exemplares - Distribuição gratuita entre os colaboradores

3a. FASE - nº 652 - PROPRIÁ - SERGIPE - 23 de março de 1980

Ressuscitou Cristo,
minha esperança! Aleluia!

Feliz Páscoa! Com todos os frutos da
"Copiosa Redenção", e as bênçãos
do Deus Ressuscitado.

E a vida que nasce da
Ressurreição seja prenúncio
de paz e fraternidade.

Feliz Páscoa!



há um ano joão paulo veio à américa latina

Por que veio?

João Paulo II veio para valorizar e apoiar a famosa Assembléia de Puebla, no México, reunida para debater, com toda a liberdade e responsabilidade, o papel atual da Igreja no Continente. Participaram da Assembléia 350 cardeais, Bispos, Teólogos e Leigos, representando todos os países da América Latina. Entre eles cerca de 50 brasileiros.

O Papa, aproveitando o acontecimento, veio também para se encontrar, conhecer de perto, solidarizar-se, beijar a terra e os homens sulamericanos.

O que disse o Papa?

Andando, olhando, escutando, encontrando-se com mais de 20 milhões de pessoas do México e da Região, falou para eles e para nós todos. O que foi mesmo que ele disse?

João Paulo solicitou esforços para melhorar a situação de todos os pobres da América Latina. Insistiu na necessidade dos pobres tornarem-se "os artesãos da sua própria elevação e inserção na sociedade".

Chamou os cristãos a serem "fermento de justiça e de promoção da dignidade do homem". Pediu-lhes "que se comprometam com a criação de um mundo novo". Disse que "pertencer à Igreja, ser a Igreja, viver a Igreja é algo muito exigente. Exige plena coerência de vossas vidas, não só um tempo mas durante a vida toda."

O Papa criticou severamente todos os exploradores que "escondem o pão necessitado por tantas famílias. Não é justo, não é humano, não é cristão, continuar práticas que certamente são injustas." Pediu "medidas verdadeiramente efetivas em plano local, nacional e internacional".

Disse ainda: "Aqueles que têm responsabilidade pela vida pública dos Estados e das Nações precisam compreender que a paz só pode ser assegurada por um sistema social e econômico em que preva leça a justiça. É preciso agir com rapidez e de maneira profunda."

Afirmou que "a Igreja tem uma missão de fé e de defesa dos direitos humanos, na construção de um mundo mais justo, humano e habitável."

Igreja apoia



Lembranças do Passado

ANTONIO CONDE DIAS

Guardamos de Aracaju do pretérito as mais vivas, constante e saudosas recordações porque a catita e encantadora cidade está intimamente ligada a fatos relacionados à quadra mais feliz e despreocupada da existência terrena já vivida.

Relembramos, nesta sucinta e modesta crônica para "A Defesa", festividades cívicas, sociais e religiosas que então se celebravam, com mais simplicidade é bem verdade, mas talvez imbuídas de maior dose de espontaneidade, de alegria, de expressão popular. Não queremos com isto dizer que as atualmente realizadas não se revestam de brilhantismo, entusiasmo, participação do aracajuano.

Relembramos paradas de 7 de setembro, que os colégios da capital faziam realizar, das quais muitas vezes participávamos na qualidade de aluno do "Tobias Barrêto", tradicional casa de ensino que tantas gerações instruiu e educou através dos anos.

Se bem não possuísse ainda o grau de desenvolvimento material que a caracteriza nos dias atuais, já a cidade atraía e cativava o visitante pelos dotes de beleza e simpatia com que a natureza a brindara. Havia retreta aos domingos e às quintas-feiras "Fausto Cardoso" então ponto de convergência da sociedade aracajuana. Era ponto de agradáveis palestras, de encontros felizes.

Vamos reatar, porém, o fio do assunto ventilado em crônicas anteriores publicadas neste jornal, voltando a falar da vida colegial. Quando chegava o tão desejado dia de férias letivas, o coração do estudante batia mais forte, sua mente povoava-se de faúgas esperanças em face da perspectiva de reencontro com o distante lar paterno. Quem na vida já não experimentou essas emoções que tanto enternecem o coração da gente?! Os trabalhos preparatórios à festinha de despedida absorviam a todos, alunos e mestres. Os últimos esforçavam-se no sentido de levar aos pais as melhores notas como documentário do progresso obtido nas aulas.

O dia de férias era verdadeiramente um dia de festa do coração. Discursos de despedida e saudação aos mestres. Abraços fraternais e amigos. E finalmente retorno ao querido lar paterno tão distante de nossos olhos para o desejado reencontro com os familiares. Estas lembranças vivem perenemente em nossa memória.

Pra onde é que eu vou

Muitas tarefas de terra
plantei de cana e capim
Rociei pasto e cavei tanques
Trabalhei pra ver meu fim
Hoje me vejo esgotado
Meu patrão me vê cansado
não precisa mais de mim.

Na terra boa pra roça
só quer capim e mais nada
A casa em que tou morando
ele quer desocupada
Faz tudo pra me tirar
só a fim de se livrar
dessa lei que foi criada.

Hoje é o trator que desmata
tomba terra, faz barragem
Com um galão de veneno
trata uma imensa pastagem
Não tenho mais que fazer
e o patrão só a dizer
que eu devo fazer viagem.

Quem já foi lá pra São Paulo
já voltou porque não dá
Quem não tem letra, nem arte
não pode viver por lá
Neste Brasil de Brasília
muitos milhões de famílias
vivem pra lá e pra cá.

Muita gente me diz mesmo
que devo me retirar
Se a cidade não tem vaga
onde então eu vou ficar?
Entre o risco e o maltrato
vou tentar fazer de fato
meus direitos respeitar.

Só de Deus me vem a força
pra lutar e pra vencer
pois não pode suportar
ver seu filho padecer.
Cristão explorar cristão
é a pior exploração
que no mundo possa haver.

Estrilho:

Pra onde é que eu vou?
Não tenho pra onde ir!
Pra onde é que eu vou?
Tenho que ficar aqui!



Jorge Pereira Lima

Para que serve o Estatuto da Terra?



Está fazendo 15 anos que o Estatuto da Terra foi aprovado. Foi no dia 30 de novembro de 1964. Quando nasceu, os governantes disseram que nele estava a "salvação" para a agricultura e para os trabalhadores rurais. Parece, porém, que ele foi vivendo como se fosse uma pessoa: como criança, não conseguiu fazer valer a sua voz. E agora, ele está como um adolescente de 15 anos, todo atrapalhado e sem saber qual é o seu futuro!

Será que o Estatuto da Terra ainda serve para alguma coisa?

Serve sim. Tem coisa para os trabalhadores rurais. Mas é preciso exigir uma política que faça o que ele marca. Até agora, essa política não foi feita pelos lavradores e sim pelos donos do dinheiro. Por isso, o Estatuto da Terra tem servido mais aos grandes. É só olhar: aumentou o número e tamanhos das grandes propriedades, os latifúndios, diminuíram as "propriedades familiares" quando o Estatuto da Terra marca que deveriam desaparecer tanto o latifúndio quanto o minifúndio, aumentando as "propriedades familiares". Fique claro isso: O Estatuto da Terra foi feito por causa das pressões dos camponeses. Mas ele não foi feito pelos trabalhadores. Foi feito por militares, técnicos e deputados que defendiam os interesses dos grandes. Esses deram um jeito de deixar abertos dois caminhos: um para favorecer os grandes; outro para favorecer os trabalhadores rurais. Mas, tocaram pra frente só aquilo que favorece os grandes, porque tudo é feito por eles ou por seus representantes.

Aqui está a chave do segredo: não adianta uma boa lei, se os trabalhadores rurais não têm força política para exigir que ela seja levada à prática.

O que faltou, e falta ainda, para que o Estatuto da Terra sirva de fato ao povo trabalhador do campo?

Falta mais força política dos trabalhadores rurais, a qual será conseguida com a união e a organização de classe dos trabalhadores rurais. Sem essa força, a terra não será dividida e colocada a serviço dos pequenos, e a política agrícola não terá sua base e seu endereço nas "propriedades familiares", como marca o Estatuto da Terra. Sem essa força não melhorará a situação financeira dos trabalhadores rurais — pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, parceiros ou assalariados nem se dará maior importância à produção daquilo que precisamos para viver, no lugar de tanto boi, soja, café e cana...

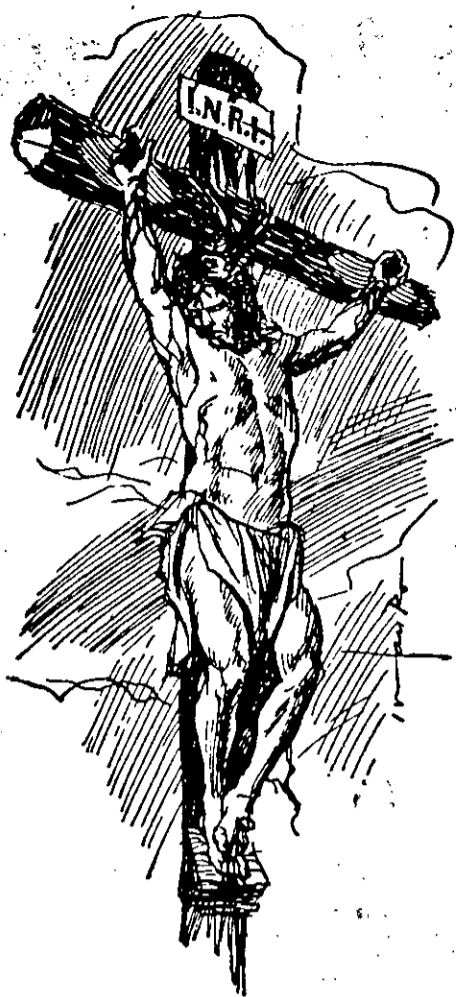
O Estatuto da Terra não é completo. Não tem tudo o que precisa o nosso povo para resolver a problemática da terra e da agricultura. Mas, é um começo. E sendo lei, dá força para se unir e lutar para que ele seja aplicado.

Nosso povo do campo tem necessidade de terra — e para isso ela deve ser dividida — e tem direito a ela.

Que agora, aos 15 anos do Estatuto da Terra, todos os brasileiros, especialmente os trabalhadores, do campo e da cidade, exijam numá voz só, a realização de, pelo menos, a Reforma Agrária que este Estatuto marcou.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA — CPT.

Transcrito do Jornal "O SÃO PAULO" - São Paulo



**você
precisa
voltar!**

Luiz H. de Oliveira

Se você veio para combater o ódio:
há ódio nos seres que não se olham,
há ódio nos massacres das guerras,
há ódio nas intrigas políticas,
há ódio de filhos a pais.
Há ódio no tráfico de entorpecentes,
há ódio na poluição que se respira,
há ódio no silêncio das gentes,
e até na cor da pele, o ódio se inspira.

Se você veio para combater o ódio:
VOCE PRECISA VOLTAR!

Se você veio para unir os homens:
há desunião nas raças que se perseguem,
há desuniões nos meios profissionais,
há desunião no seio das famílias,
há desunião nas classes sociais.
Há desunião dentro das escolas,
e desunião até dos crentes se vê.
Há gente que mata gente,
dizendo... que é por você!...

Se você veio para unir os homens:
VOCE PRECISA VOLTAR!

Se você veio para salvar os homens:
há muitos que não querem ser salvos,
há muitos que não lhe aceitam,
há muitos que ignoram você,
há muitos que lhe combatem,
há muitos que escarnecem de você.

Se você veio para salvar os homens:
VOCE PRECISA VOLTAR!

Se você veio para morrer pelos homens:
há muitos que ainda lhe matam,
há muitos que ainda cospem em você,
há muitos que ainda fogem,
há muitos que ainda não lhe querem.

Se você veio para morrer pelos homens:
VOCE PRECISA VOLTAR!

VOCE PRECISA VOLTAR
porque somos incapazes de mostrá-lo às gentes
VOCE PRECISA VOLTAR
porque nem sempre vivemos o amor universal;
porque somos, tantas vezes,
dominados pela fraqueza,
e nem sempre lhe buscamos
como nosso Ideal.

VOCE PRECISA VOLTAR ... e reviver
o Calvário,
mostrar-se vencedor a cada povo,
desenhar seu Rosto num outro sudário.

VOCE PRECISA VOLTAR...
PARA MORRER DE NOVO...
E... RESSUSCITAR OUTRA VEZ!

-Poluição da miséria,— a vergonha maior dos nossos dias

A ausência das mínimas condições básicas para um digno teor de vida identifica-se com a poluição da miséria. Esta, é considerada a mais degradante das poluições que assolam o mundo no dia de hoje. Os alimentos, mal distribuídos, deixam famintos milhões de seres humanos, cujo número continua a crescer em proporção vertiginosa.

A falta de moradia adequada acarreta problemas similares e consequências análogas. Somente na América Latina, há falta de 20 milhões de moradias, parte do déficit de habitações nos países subdesenvolvidos que era de 150 milhões.

A população carente, atingida com isso, procura o cortiço, uma unidade habitacional coletiva, porém sem as mínimas condições sanitárias, onde muita gente vive na maior promiscuidade.

A Fome, que hoje castiga 2/3 da humanidade, é problema grave que deve ser tratado com muita seriedade. Crianças subnutridas, quando não vão à escola atraídas pela distribuição gratuita da merenda escolar, buscam no fim das feiras livres, restos de frutas e legumes para o seu sustento diário.



Padre Gonçalo

Faleceu em Aracaju, a 20 de janeiro o Padre Gonçalo de Souza Lima. Filho de Pedro de Souza Lima e de Josefa Maria dos Prazeres Lima, nasceu a 27 de julho de 1900, em Porto da Folha, SE. Estudou no Seminário de Aracaju, sendo ordenado sacerdote por D. José Tomaz, a 17 de novembro de 1929. Foi Vigário em Campo do Brito, Japoatã, Santa Rosa de Lima, Aquidabã, Maruim, Gararu e Porto da Folha. Nessa Paróquia, no dia 15 de agosto de 1954, durante a pregação que fazia, ao Evangelho da missa festiva, sofreu um derrame cerebral de que não mais se recuperou.

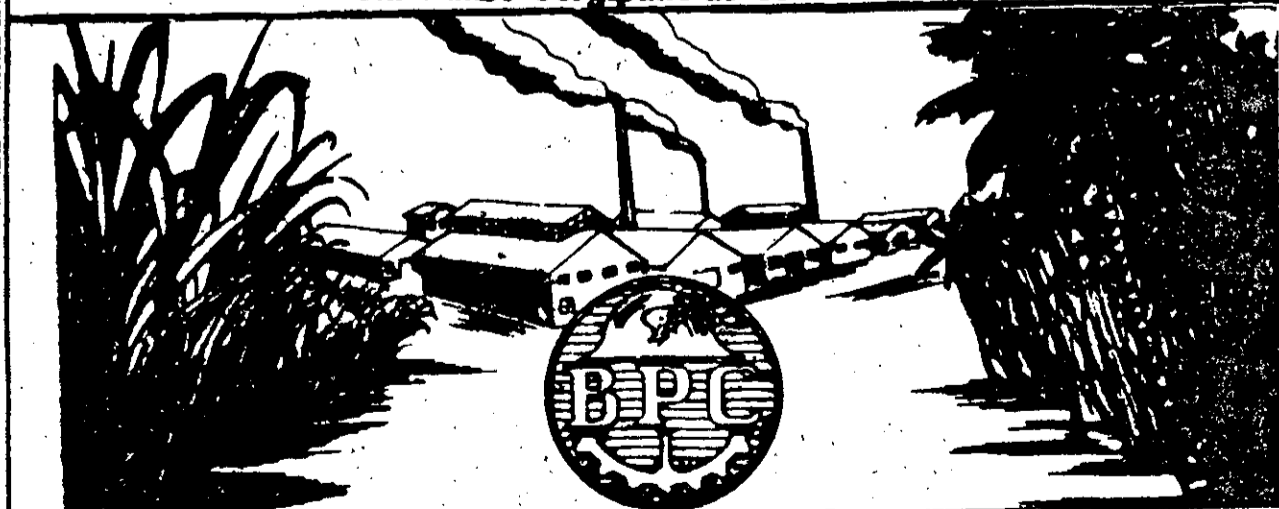
Com edificante paciência, suportou o grande sofrimento de se ver imobilizado, por mais de vinte e cinco anos. Apresentamos os pêsames à família enlutada e o recomendamos às orações de todos.

José, Bispo de Propriá

missões Poço Redondo e Santa Rosa do Elmírio tiveram a graça das Santas Missões que se realizaram, de 2 a 9 de março, num clima de verdadeira irmandade, constituindo um fato inédito naquela zona futura do sertão. O Bispo e os missionários agradecem a hospitalidade tão amigável.

Banco da Produção e Comércio S. A.

Um Banco Sergipano às suas Ordens



Séde: ARACAJU - SE

Rua de João Pessoa 214
Cabe Fostal 27

Agência em SERGIPE

ARACAJU

Urbano Santa Rosa
Rua Santa Rosa 53

ESTANCIA - SE

Prça 24 de outubro 304

ITABAIANA - SE

Largo Santa Antônia 61

MARUIM - SE

Prça Barão de Maruim 11

SIMÃO DIAS - SE

Av. Col. Loteta 87

PROPRIÁ - SE

Av. Augusta Meynard 91

RIACHUELO - SE

Prça Antonio Franco 104

TOBIAS BARRETO - SE

Av. 7 de junho 304

TELEGRAMAS: CRÉDITO

Posto São José



— COMSERGEL —

COMERCIO E SERV. GERAIS LTDA.

CGC 13.117.221/0001-96 — Insc. Est. 27051719-7

TELEF. 322-1512 — CEP 49900

Av. Dep. Martinho Guimarães, s/n.

GASOLINA - DIESEL - LUBRIFICANTES -

PEÇAS E ACCESÓRIOS P/ AUTOMÓVEIS

LAVAGENS - LUBRIFICAÇÕES ETC.

"BATERIAS HELIAR"

PROPRIÁ - SERGIPE

Igreja e Problemas da Terra



Vão aqui alguns trechos do famoso documento dos Bispos do Brasil, lançado em Itaici, no mês de fevereiro. É apenas uma amostra para você, leitor amigo, se interessar por ele

Terra de exploração e terra de trabalho

(82) Essa mensagem de Deus está viva na mente de grande número de nossos trabalhadores rurais. Os posseiros a expressam quando lutam pela "posse e uso" de sua terra, mais do que pela "propriedade". Esta, a propriedade, em muitos casos, é representada pelos grileiros, pelos grandes fazendeiros, pelas empresas agropecuárias e agroindustriais. Estas "negociam com a terra": um bem dado por Deus a todos os homens.

(83) Esta consciência do povo nos alerta para a distinção entre os dois tipos de apropriação da terra que merecem nossa atenção: terra de exploração, que nosso lavrador chama terra de negócio, e terra de trabalho. Essa distinção, entretanto, não desconhece a existência da terra como terra de produção, da propriedade rural que respeita o direito dos trabalhadores, segundo as exigências da doutrina social da Igreja.

(84) Terra de exploração é a terra de que o capital se apropria para crescer continuamente, para gerar sempre novos e crescentes lucros. O lucro pode vir tanto da exploração do trabalho daqueles que perderam a terra e seus instrumentos de trabalho, ou que nunca tiveram acesso a eles, quanto da especulação, que permita o enriquecimento de alguns à custa de toda a sociedade.

(85) Terra de trabalho é a terra possuída por quem nela trabalha. Não é terra para explorar os outros nem para especular. Em nosso país, a concepção de terra de trabalho aparece fortemente no direito popular de propriedade familiar, tribal, comunitária e no da posse. Essas formas de propriedade, alternativas à exploração capitalista, abrem claramente um amplo caminho, que viabiliza o trabalho comunitário, até em áreas extensas, e a utilização de uma tecnologia adequada, tornando dispensável a exploração do trabalho alheio.

(96) Assumimos o compromisso de denunciar situações abertamente injustas e violências que se cometem em áreas de nossas dioceses e prelazias e combater as causas geradoras de tais injustiças e violências, em fidelidade aos compromissos assumidos em Puebla (Puebla, 1160).

Introdução

(1) A situação dos que sofrem por questões de terra em nosso país é extremamente grave. Ouve-se por toda parte o clamor desse povo sofrido, ameaçado de perder sua terra ou impossibilitado de alcançá-la.

(2) Reunidos na 18.ª Assembléia Geral, nós Bispos da Igreja Católica no Brasil, decidimos dirigir uma palavra aos nossos irmãos na Fé, a todas as pessoas de boa vontade e responsabilidade, especialmente aos trabalhadores rurais e aos povos indígenas, sobre o problema da terra e dos que nela vivem e trabalham.

(3) Este documento está voltado para a problemática da posse da terra em nosso país. Não é um estudo sobre agricultura nem sobre a questão técnica da produção, mas sobre a questão social da propriedade fundiária.

(4) Focalizamos diretamente o problema da terra como se apresenta no meio rural. A gravidade e a complexidade do problema no meio urbano, que merecerá oportunamente a nossa atenção, são aqui examinadas na sua relação com o problema do campo.

Migrações e violência no campo

(25) Há no país, milhões de migrantes, muitos dos quais obrigados a sair do seu lugar de origem, ao longo dos anos, devido principalmente à concentração da propriedade da terra, à extensão das pastagens e à transformação nas relações de trabalho na lavoura. Sem contar os milhares de migrantes que, como extensão da migração interna, têm se dirigido aos países vizinhos.

(26) Uma grande parte dos lavradores migrou para as grandes cidades à procura de uma oportunidade de trabalho, indo engrossar a massa marginalizada que vive em condições sub-humanas nas favelas, invasões e alagados, em loteamentos clandestinos, cortiços e nas senzalas modernas dos canteiros de obras da construção civil. O desenraizamento do povo gera insegurança pelo rompimento dos vínculos sociais e perda dos pontos de referência culturais, sociais e religiosos, levando à dispersão e à perda de identidade.

(27) Outra parte se dirige às regiões agrícolas pioneiras à procura de terras. Entretanto, com frequência, sua tentativa de fixar-se à terra choca-se contra uma série de barreiras: dificuldade para obter o título definitivo da terra, no caso de compra; a falta de apoio ou o próprio fracasso das companhias colonizadoras; nova expulsão da terra, ante a chegada de novos grileiros ou de reais ou pretensos proprietários.

(28) Em quase todas as unidades da Federação, sob formas distintas surgem conflitos entre, de um lado, grandes empresas nacionais e multinacionais, grileiros e fazendeiros e, de outro, posseiros e índios. Violências de toda a ordem se cometem contra esses últimos para expulsá-los da terra. Nessas violências, já se comprovou amplamente, estão envolvidos desde jagunços e pistoleiros profissionais até forças policiais, oficiais de justiça e até juizes. Não raro observa-se a anomalia gravíssima da composição de forças de ja-

gunços e policiais para executar sentenças de despejo.

(29) A situação tem-se agravado muito depressa. Tomando como referência a região de Conceição do Araguaia, no sul do Pará, podemos ter uma idéia da velocidade e amplitude da situação de conflito. No começo de 1979, havia 43 conflitos identificados e cadastrados. Seis meses depois, os conflitos já eram 55. No final do ano já eram mais de 80. No Estado do Maranhão, tradicionalmente conhecido como o Estado das terras livres, abertas à entrada de lavradores pobres, foram arrolados, em 1979, 128 conflitos, algumas vezes envolvendo centenas de famílias. Em três casos, pelo menos, o número de famílias envolvidas ultrapassa o milhar, sendo grande a concentração da violência nos vales do Mearim e do Pindaré.

(30) Estudos recentes mostraram que a cada três dias, em média, os grandes jornais do sudeste publicam uma notícia de conflito pela terra. Comprova-se que essas notícias correspondem a menos de 10% dos conflitos cadastrados pelo movimento sindical dos trabalhadores na agricultura. Um levantamento do número de vítimas que sofreram violências físicas, feito através de jornais, indica que mais de 50% delas morrem nesses confrontos.

(31) Isso mostra a extrema violência da luta pela terra em nosso país, com características de uma guerra de extermínio, em que as baixas mais pesadas estão do lado dos lavradores pobres. Esse processo se acentua na chamada Amazônia Legal, embora ocorra também em outras regiões.

Concentração do capital e concentração do poder

(38) O desejo incontrolado de lucros leva a concentrar os bens produzidos com o trabalho de todos nas mãos de pouca gente. Concentram-se os bens, o capital, a propriedade da terra e seus recursos, concentrando-se ainda mais o poder político, num processo cumulativo resultante da exploração do trabalho e da marginalização social e política da maior parte de nosso povo.

(39) Estamos diante de um amplo processo de expropriação dos lavradores, levada a efeito por grupos econômicos. Lamentavelmente, a própria definição da política governamental em relação aos problemas da terra fundamenta-se num conceito de desenvolvimento social inaceitável para uma visão humanista e cristã da sociedade.

(40) Não se pode aceitar que os objetivos econômicos, mesmo numa certa fase do desenvolvimento, sacrifiquem o atendimento das necessidades e dos valores fundamentais da pessoa humana, como dá a entender o documento do Ministro da Agricultura que fixou as diretrizes para o setor agrícola (Documento publicado pelo "O Estado de São Paulo", de 19.08.79).

(73) A Igreja, embora respeitando sempre a justa autonomia das ciências jurídicas e do Direito Positivo, considera de seu dever pastoral a missão de proclamar as exigências fundamentais da justiça.

